

**Livro investiga as origens do presidente dos EUA e relaciona o nascimento dele à peça *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes**

FELIPE MORAES

O quadragésimo quarto presidente dos Estados Unidos bem que poderia se passar por brasileiro: tem traços que não o relacionam de imediato com país nenhum, é extremamente popular e de sorriso fácil, cativante. O jornalista fluminense **Fernando Jorge**, irrequieto e profícuo mesmo aos 81 anos, considerou as coincidências muito a sério, desde que pela primeira vez um afro-americano conquistou a maioria dos eleitores norte-americanos nas urnas e ganhou poltrona de chefia na Casa Branca. Tanto que, no segundo semestre do ano passado, lançou *Se não fosse o Brasil, jamais Barack Obama teria nascido* (Editora Novo Século), uma investigação analítica, histórica e cultural sobre o vencedor do prêmio Nobel da Paz de 2009. A teoria, que exigiu do biógrafo de Getúlio Vargas, Olavo Bilac e Santos Dumont leituras e pesquisas extensas, é simples: se o poeta Vinicius de Moraes não tivesse escrito a peça *Orfeu da Conceição*, adaptada no filme *Orfeu negro* (1959), Barack Hussein Obama II não teria nascido. “Escrevi o livro levado pelo entusiasmo”, conta Jorge. A hipótese é delirante, mas curiosa.

Stanley Ann Dunham, mãe do presidente, era branca. Ainda jovem, foi ao cinema ver a novidade tecnicolor *Orfeu negro* — filme realizado pelo irmão do escritor Albert Camus (de *O estrangeiro*), Marcel, e consagrado na temporada de premiações (Palma de Ouro em Cannes e melhor estrangeiro no Oscar e no Globo de Ouro). A trama, baseada em texto do poetinha, atualiza o mito de Orfeu e Eurídice: em vez do Olimpo, o cenário para a história de amor entre os dois é o carnaval do Rio de Janeiro. Ela saiu da sessão deslumbrada. Algum tempo depois, já morando no Havaí, Ann conheceu um certo queniano, Barack Hussein Obama, numa aula de russo. E deve ter saído da sala de estudos igualmente encantada. Para Jorge, a paixão da jovem do Kansas por Obama só aconteceu por causa das feições do ator Breno Mello, ex-atacante do Renner e protagonista do filme, que lembram características físicas do estudante africano. “Meu livro não é um hino de louvor a ele. Apresentei uma tese que, na minha opinião, tem base lógica”, observa o autor.

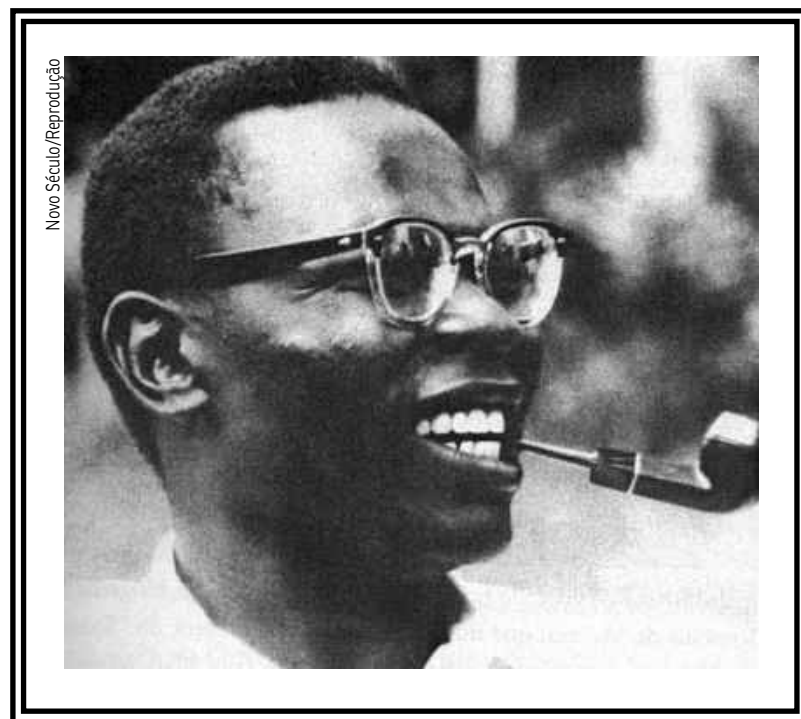
## Decepção

Fernando Jorge diz que está em negociações para publicar o livro nos Estados Unidos. As reações de uma possível leitura do atual presidente não o preocupam. “Não sei se ele vai achar, ‘o que esse Fernando está pensando, que minha mãe era fácil?’. Pode ser que ele se irrite com isso”, acredita. Mas o pesquisador está mais preocupado com o cumprimento de promessas de campanha de Obama do que com possíveis reprimendas sobre o conteúdo da tese. “Estou meio desiludido. Ele está me dando a impressão de ser um político brasileiro. Prometeu coisas que não cumpriu”, lamenta. E, como bom polemista, vocifera: “A nação que é considerada a mais rica se empobreceu. Para salvar os bancos da crise, ele prejudicou os serviços públicos do país. Afirmou que a prisão de Guantánamo seria fechada em um ano após a posse. Passaram-se praticamente dois anos. E nada”, aponta.

A vinda de Obama ao Brasil significa uma preocupação energética, segundo Jorge. “Hoje, os Estados Unidos precisam mais do Brasil. Temos enormes reservas de matéria-prima e tecnologia em biocombustíveis. E, agora, os EUA, em decadência, estão de olho no nosso pré-sal. Seria de vital interesse para eles, ainda mais depois dessa crise no Oriente Médio”, acredita.



José Antonio Rubino/Divulgação



Novo Século/Reprodução

**O ator brasileiro Breno Mello, no filme *Orfeu negro* (mais ao alto), e Barack Hussein Obama, pai do presidente: semelhança física dos dois teria encantado a mãe de Obama**

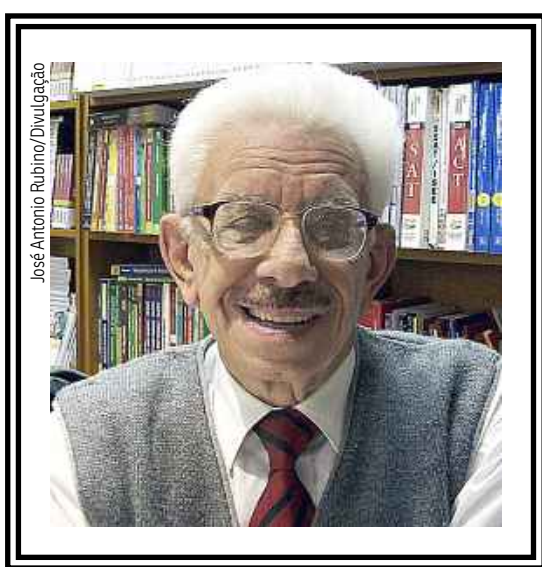
## TRECHO DO LIVRO

“Como era branca, sem um pingo de sangue africano, Stanley Ann Dunham foi logo aceita para ingressar na Universidade de Chicago, mas o seu pai (avô de Obama) não a autorizou a ir. Nessa época ela estava com dezesseis anos, trabalhando na casa de uma família, e sentia-se adulta, dona de si, independente. Resolveu então assistir ao primeiro filme estrangeiro da sua vida, *Orfeu negro*, dirigido em 1959 por Marcel Camus e baseado na peça *Orfeu da Conceição*, do poeta brasileiro Vinicius de Moraes. Ann saiu deslumbrada do cinema e confessou que esse filme havia sido a coisa mais bonita que ela tinha visto na sua vida, conforme Obama narra no capítulo seis do livro *Dreams from my father*.”

Pouco tempo depois a jovem Ann, com dezessete anos, foi para o Havaí, a fim de estudar na universidade daquele estado americano, e lá ela conheceu, numa aula de russo, o rapaz africano Barack Hussein Obama, de vinte e três anos, completamente preto, nascido no Quênia e criado no vilarejo Alego, cheio de rebanhos de cabras. A moça vinda de Whicita, no Kansas, apaixonou-se pelo moço africano que exibia a cara, o físico, o aspecto, uma semelhança impressionante com o ator brasileiro Breno Mello, também completamente preto e que foi o Orfeu do filme de Marcel Camus.”

*Se não fosse o Brasil, jamais Barack Obama teria nascido*, de Fernando Jorge. Editora Novo Século, 272 páginas. R\$ 34,90.

# Com um quê de brasileiro



José Antonio Rubino/Divulgação

**Fernando Jorge está negociando a publicação do seu livro em inglês**

## O AUTOR

Historiador e jornalista, Fernando Jorge estudou direito na Universidade de São Paulo e foi diretor da divisão técnica da Biblioteca da Assembleia Legislativa de São Paulo. Aos 81 anos, coleciona mais de duas dezenas de livros publicados. De escrita afiada e humor implacável, é especialista em biografar personalidades nacionais e escrever narrativas polêmicas. Nos anos 1980 e 1990, lançou dois calhamaços sobre o Pai dos Pobres, intitulados *Getúlio Vargas e o seu tempo*. Por *O aleijadinho* recebeu o Prêmio Jabuti. Mas sua obra mais popular invade os porões escuros da ditadura: *Cale a boca, jornalista!*, publicado em 1987, denuncia e relata o tratamento violento do regime militar pós-1964 com jornalistas brasileiros. O apreço pelas conversas de bastidores e por detalhes curiosos da vida pública do país está em muitos de seus livros, como *A Academia do fardão e da confusão: a Academia Brasileira de Letras e os seus 'imortais' mortais*.

## >> ARTIGO

# A vinda do presidente dos EUA, o Brasil e a ordem global

CELSO AMORIM

É comum ouvir-se que somente uma grande crise pode ensejar mudanças substanciais nas instituições políticas, tanto nacionais como internacionais. A ninguém ocorreria propor a adoção de uma nova constituição a um país que esteja em um período de normalidade. No plano internacional, foram necessárias duas guerras mundiais para chegar-se ao sistema multilateral que temos hoje, com todas as suas insuficiências e imperfeições. A violenta sacudida que a economia internacional sofreu em 2008/2009 ensejou a primeira mudança importante na governança financeira, com a criação do G-20, e as alterações introduzidas nos órgãos de Basileia e na distribuição das cotas do Fundo Monetário e do Banco Mundial.

Na área comercial, embora os resultados práticos ainda estejam por alcançar-se, houve um esboço de evolução no processo de tomada de decisões na OMC, após a grande debacle de Cancun. A questão mais problemática para os reformistas na área de paz e segurança era imaginar qual o tipo de situação, que, sem chegar aos horrores das duas grandes guerras, produzisse um abalo suficientemente forte na estrutura concei-

tual que sustenta o atual arcabouço institucional — em especial o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Talvez o que está ocorrendo no Oriente Médio — que é muito mais profundo e vai muito mais longe do que o aspecto de indiscutível barbárie dos acontecimentos na Líbia, especialmente a matança indiscriminada de civis — seja o gatilho necessário para desencadear a reforma do Conselho, há tantos anos objeto de discussão sem resultado concreto.

Um dos aspectos que mais surpreende a quem lê regularmente analistas políticos norte-americanos é o grau de questionamento da capacidade de Washington influir na evolução do processo político no Oriente Médio, muito menos moldá-lo. Humildade era uma palavra que raramente se ouvia a propósito da condução da diplomacia norte-americana. Agora, ela é parte dos conselhos desses mesmos analistas ao governo norte-americano. As limitações do poder dos Estados Unidos, já não digo para interferir (o que de qualquer maneira não seria desejável), mas para minimamente influenciar no rumo dessas situações ficaram patentes na crise do Egito e da Líbia, para não falar da Tunísia, onde tudo se originou com a Revolução do Jasmin. A Tunísia, diga-se de passagem, é um país sobre cujo governo do qual, durante os últimos 20 anos em que me foi dado acompanhar os assuntos internacionais de perto, seja como ministro das Relações Exteriores, seja como embaixador em grandes postos multilaterais, jamais ouvi uma palavra de crítica. Parecia um exemplo de estabilidade e

de bom comportamento econômico e político, cuja capital era utilizada para celebrar grandes conferências internacionais, como a Cúpula da Sociedade da Informação.

A queda de Mubarak — que até o último momento era visto como o homem adequado, senão para continuar governando indefinidamente o Egito, pelo menos para conduzir a transição — também tomou de surpresa a maior potência do mundo, que agora busca, atônita, alternativas para a irmandade muçulmana e para as novas forças que emergiram das manifestações. E a alternativa preferida por Washington parece recair até agora sobre... um militar. Não vou aqui desfiar, caso a caso, como a evolução dos vários países numa reunião tão vital como o Oriente Médio vai ocorrendo, sem que a maior potência do mundo tenha o controle dos acontecimentos. Talvez o caso mais gritante — ainda que não o mais espetacular — seja o do envio de tropas sauditas ao Bahrein. Aí, um aliado dos Estados Unidos intervém nos assuntos internos de outro aliado norte-americano, reforçando um primeiro-ministro linha dura contra um príncipe herdeiro — que por sinal chefia as forças armadas — de linha moderada e contrariando os conselhos de Washington, cujo secretário de Defesa visitou Riad na véspera e não foi avisado de nada.

O Oriente Médio não é uma região qualquer do mundo. É onde de forma mais aguda estão envolvidas as questões que podem afetar a paz mundial. A paralisia da diplomacia norte-americana se reflete na dificuldade das Nações Uni-

das em assumir um papel decisivo na questão da Líbia. As velhas receitas do tipo “bloqueio do espaço aéreo” continuam a ser aventadas, mas com menos entusiasmo no passado.

Já não se vê a mesma pressa de Washington em atuar diretamente ou chamar seus aliados da Otan a uma intervenção militar. As lições do Iraque e do Afeganistão começam a lançar dúvidas sobre a eficácia desses métodos, seja para criar condições estáveis, seja para fazer que surjam regimes políticos democráticos. Os Estados Unidos começam a questionar-se não só sobre sua capacidade de agir dessa forma, mas também sobre o interesse de o fazer. Sob certos aspectos, esse é um sinal positivo.

Que os Estados Unidos desejem ouvir a Liga Árabe ou a União Africana, antes de qualquer decisão apressada, pautada pelas manchetes de jornal ou os títulos das matérias televisivas pode indicar o início de uma mudança de percepção. A perplexidade é muitas vezes o primeiro passo para o verdadeiro conhecimento.

A visita do presidente Barack Obama em meio a uma crise internacional deste porte — sobre a qual ainda veio sobrepor-se o terremoto no Japão, com todas suas consequências trágicas, do ponto de vista humanitário, além dos seus efeitos para a economia mundial e, quem sabe, para a geopolítica do Extremo Oriente — configura uma ocasião em que, para além do que possa aparecer nos comunicados oficiais, o chefe de Estado norte-americano possa refletir um pouco sobre a contribuição que países como o Brasil, democrático, pacífico, infenso a visões simplistas da realidade e que soube construir uma relação de confiança com todos os seus vizinhos pode dar não só na nossa região, mas para além dela.

Esperemos que o faça. Para o bem do Brasil, da ordem mundial e, até mesmo — atrevo-me a dizer — dos próprios Estados Unidos.

CELSO AMORIM É EX-MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES